

# AS CATEGORIAS TEMPO E ASPECTO E SUA RELAÇÃO COM MARCADORES NA LÍNGUA TÉTUM-PRAÇA

*Arabie Bezri Hermont (PUC-MG)<sup>1</sup>, Jean Santos Otoni (PUC-MG)<sup>2</sup>*

## RESUMO:

Esta pesquisa teve como objetivo estudar as categorias tempo e aspecto na língua tétum-praça. Sob enfoque da Teoria Gerativa e inspirados na proposta de Cinque (1999), procedeu-se a uma análise descritiva acerca de tais categorias e sua relação com marcadores em tétum-praça. Foi observado que o verbo na língua em questão ocorre na forma não flexionada e que marcadores atribuem noções de tempo e de aspecto em alguns casos. A pesquisa proporcionou uma maior compreensão das projeções funcionais no tétum-praça e do papel que têm os marcadores de natureza temporal e aspectual.

**PALAVRAS-CHAVE:** tétum-praça; teoria gerativa; tempo; aspecto; marcadores.

## ABSTRACT:

The research aimed to study the tense and aspect categories of Tetum-Praca. Under the perspective of Generative Theory and inspired by Cinque (1999)'s proposals, a descriptive analysis of those categories and their relations to markers and adverbs in Tetum-Praca was undertaken. It was observed that, in the language under analysis, verbs are not inflected, and markers attribute the notions of tense and aspect in some cases. The research provided a better comprehension of functional projections of Tetum-Praca and the role that tense and aspect markers perform.

**KEYWORDS:** Tetum-Praca; Generative Theory; tense; aspect; markers.

---

1 Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

2 Mestre em Linguística e Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. (FAPEMIG)

## INTRODUÇÃO

A história da nação timorense é marcada por ocupações que se iniciam no século XVI com a chegada dos portugueses. Os colonizadores portugueses permaneceram por mais de quatrocentos anos em Timor-Leste. Assim, a língua portuguesa passa a fazer parte da cultura local e disputa espaço com as línguas nativas. Nesse contexto, configura-se uma nova língua, o tétum-praça, que estabelece relações de poder e domínio em detrimento das línguas locais.

Timor-Leste é uma nação do sudoeste asiático que apresenta uma complexa situação linguística, a qual ainda não foi alvo de muitos estudos. Trabalhos sobre as línguas lá faladas podem contribuir significativamente para a compreensão da linguagem de um modo geral e da língua tétum-praça mais especificamente. Nesta perspectiva, este trabalho visa a estudar alguns fenômenos linguísticos de tal língua à luz da teoria gerativa.

Nesse viés, delineou-se o objeto da pesquisa ora proposta, qual seja: as categorias funcionais tempo e aspecto no tétum-praça. Assim, o objetivo geral deste artigo é demonstrar como estão representadas, sob o enfoque da teoria gerativa, as categorias tempo e aspecto da língua tétum-praça. Importante dizer que, na língua em estudo, a marcação de tempo e de aspecto, além de outras formas, se dá por meio de advérbios e de marcadores. Ou seja, em tétum-praça, o verbo é não flexionado e advérbios e marcadores (que são lexemas gramaticalizados em posição pré-verbal e pós-verbal para marcar as categorias tempo, modo e aspecto, de acordo com Albuquerque (2014, p. 115)), é que atribuem as noções ora tratadas neste artigo. Neste contexto, estalecem-se os objetivos específicos deste trabalho: apresentar (a) uma descrição das categorias tempo e aspecto da língua tétum-praça; (b) uma descrição da relação de marcadores em tétum-praça com as categorias tempo e aspecto; (c) uma proposta para a localização dos marcadores temporais e aspectuais da língua tétum-praça, à luz da teoria gerativa e da proposta de Cinque (1999).

Uma justificativa para a busca da melhor compreensão acerca das categorias de tempo e de aspecto em tétum-praça se deve ao fato de não estarem claros quais são os marcadores de tempo e de aspecto na língua e qual é a relação de tempo e aspecto com eles. Autores, como Hull e Eccles (2001), afirmam que, no tétum-praça, não há marcador de tempo e, sim, de aspecto. Isso nos motivou a pesquisar tais categorias nessa língua, cujos trabalhos de natureza gramatical ainda são poucos.

O quadro teórico adotado para esta discussão é a Teoria Gerativa e, em certa medida, tenta aproximar-se da proposta de Cinque (1999). Este autor demonstra que projeções verbais, de um modo geral, trazem traços gramaticais nas diversas línguas naturais, os quais são em número bastante limitado e que apresentam uma ordem mais ou menos rígida entre as línguas estudadas no mundo. Cinque fez um amplo estudo, relacionando várias classes de advérbios com núcleos funcionais, dentre eles, modo, tempo e aspecto, e verificou que vários tipos de advérbios em línguas distintas estão dispostos em uma sequência rigidamente ordenada. Assim, o autor adota uma “hierarquia dos núcleos funcionais”, em que parece haver uma relação estreita entre advérbios e nódulos temporais e aspectuais, dentre

outros. Neste trabalho, não verificaremos exatamente a hierarquia dos núcleos funcionais de tempo e aspecto na língua tétum-praça, uma vez que não encontramos, numa mesma sentença, diversos marcadores e advérbios ao lado de um verbo, o que nos auxiliaria na proposição de uma hierarquia de tais constituintes. Entretanto, adotaremos a noção de que marcadores (tal como advérbios) parecem ter estreita relação com determinados núcleos funcionais e ocupam a posição de especificador da projeção máxima de um núcleo funcional, tema também central na proposta de Cinque.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: inicialmente, apresentaremos um breve quadro da situação linguística complexa de Timor-Leste, onde é falado o tétum-praça. Em seguida, trataremos uma abordagem geral sobre tempo e aspecto. Depois, será feita uma exposição dessas noções em tétum-praça e sua relação com os marcadores. Na seção seguinte, abordaremos os pressupostos teóricos da Teoria Gerativa e trataremos a proposta de Cinque (1999) que adota a hipótese de localização de um sintagma adverbial na posição de especificador de núcleos funcionais, dentre eles o de tempo e o de aspecto. Após isso, apresentaremos a metodologia empregada em nosso trabalho, que foi baseada em dois trechos de falas de discursos televisionados em ambiente formal por parte de pessoas do primeiro escalão do governo timorense. Em seguida, faremos a descrição dos dados pesquisados, atendo-nos aos marcadores que propiciam a expressão de tempo e de aspecto na língua em estudo. Por último, virão as considerações finais.

## 1 TIMOR-LESTE E TÉTUM-PRAÇA

Timor-Leste, embora tenha uma extensão geográfica pequena, apresenta uma grande variedade linguístico-cultural, decorrente de seu processo histórico, no qual houve um grande fluxo de diferentes povos em seu território. Grande parte desses grupos é de origem austronésia e papua e eles se organizaram em Timor-Leste de maneira que se dividiu a ilha em dois territórios distintos: Timor Oriental e Timor Ocidental.

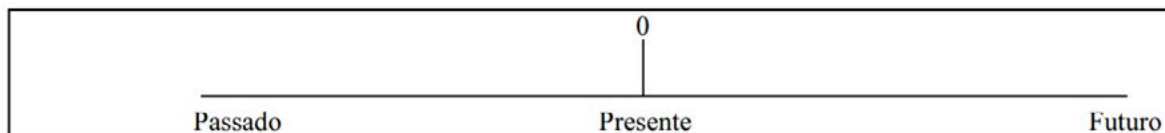
No ano de 2010, o Ministério das Finanças de Timor-Leste realizou o segundo censo do país que indicou que há pelo menos dezoito línguas diferentes pertencentes às duas grandes famílias linguísticas, austronésia e papua. Neste universo é que se encontra o tétum-praça. Diante dessa complexa situação de multilinguismo, o tétum-praça surgiu como língua franca entre os diferentes grupos etnolinguísticos que habitavam a parte leste da ilha de Timor. Vale dizer que, quando mencionamos a língua tétum, nos referimos à variedade do tétum de Díli, também reconhecida como tétum-praça. Tal como aponta Hull (2005), o Instituto Nacional de Linguística: “(...) reconhece o tétum-praça (o dialeto tétum de Díli, agora considerado segunda língua em todo Timor-Leste) como a base da língua literária nacional, hoje em dia apelidado tétun nasional.” (Hull, 2005, p. 15). Vale dizer que a língua tétum-praça, de acordo com o Censo realizado em 2010 pelo Ministério das Finanças, tem 36,6% de falantes do país.

Esta seção teve, como objetivo, apresentar, de forma breve, o quadro linguístico e histórico do Timor-Leste. Conforme já dito na introdução deste artigo, o estudo ora implementado tem como foco as categorias gramaticais tempo e aspecto e sua relação com advérbios e marcadores na língua em questão. Desta forma, na próxima seção, serão apresentados conceitos gerais das categorias tempo e aspecto.

## 2. AS CATEGORIAS TEMPO E ASPECTO

Pode-se definir tempo linguístico como tempo da situação referida a algum outro tempo, normalmente, o momento da fala. O tempo não é marcado de forma explícita, pois o tempo verbal é tomado como indicação de um determinado tempo em relação ao presente. Podemos verificar esse raciocínio no esquema a seguir:

Figura 1: Representação de tempo segundo Comrie (1985)



Fonte: Comrie (1985, p. 2).

Nessa figura, podemos observar que o tempo é apresentado como uma linha reta na qual o passado se encontra à esquerda e o futuro, à direita do ponto (0), sendo que esse ponto zero representa o presente.

Sabe-se que, em muitas línguas, há a incorporação da categoria temporal ao verbo. Na língua tétum-praça, entretanto, não é o verbo que carrega a noção de tempo. Isso ocorre devido a questões pragmáticas, anafóricas e por meio do uso de advérbios ou de marcadores.

Segundo Travaglia (2006, p. 39), a categoria de tempo situa o momento de ocorrência da situação a que nos referimos em relação ao momento da fala como anterior (passado), simultâneo (presente) e posterior (futuro). É considerada uma categoria dêitica pelo autor, pois serve para expressar distinções que dizem respeito ao tempo em que ocorre o ato de fala.

Para o autor, tempo é uma categoria dêitica porque estabelece a localização no tempo, e aspecto é uma categoria não dêitica, pois seu significado não remete ao momento da enunciação. Na mesma linha de raciocínio, Comrie (1976) indica uma diferenciação entre tempo e aspecto ao enunciar que a expressão “constituição temporal interna” trata-se de uma compreensão em termos da oposição proposta entre “tempo interno da situação”, que diz respeito a aspecto, e “tempo externo da situação”, que se refere a tempo.

A noção de aspecto pode ser tratada pelo menos de dois pontos de vista: o lexical e o gramatical.

O aspecto lexical, ou *aktionsart*, de um verbo consiste no modo como se encontra em uma estrutura e como tal verbo expressa evento, estado, processo ou ação. O aspecto lexical se distingue do aspecto gramatical porque o aspecto lexical é uma propriedade inerente de uma eventualidade, já o aspecto gramatical seria uma propriedade de uma realização sintática ou morfológica. O primeiro é invariável e o segundo é dependente da necessidade do falante.

Um dos autores que trouxe uma importante discussão a respeito do aspecto lexical é Vendler (1967), o qual propõe uma classificação para as classes acionais. Segundo o autor, existem quatro classes,

quais sejam: (a) os verbos estativos, que seriam os verbos em que se observa um evento sem final evidente, mas com certa duração, como “amar” por exemplo; (b) os verbos de atividade, que seriam aqueles com final arbitrário atingindo apenas por meio de intervenção externa, tal como “caminhar”; (c) os verbos *accomplishments*, que seriam os verbos que demonstram duração marcada por fases sucessivas até que o fim seja alcançado, como em “pintar uma casa”; (d) os verbos *achievements*, que são aqueles em que se observa apenas o desfecho final da ação, alcançado de forma instantânea, como, por exemplo, “nascer”.

Outros autores chamam a atenção para a importância do complemento verbal e do papel do advérbio na determinação do aspecto lexical, tal como Arad (1996). Podemos observar duas orações como “*Luíza corre*” e “*Luíza corre até a praia*”. Na primeira sentença, não percebemos a finitude do evento, ao passo que, na segunda sentença, o percebemos. Notadamente, a diferença entre as duas orações ancora-se na natureza do SP “até a praia”. Na primeira sentença, teríamos, associado ao SV, o traço de atelicidade. Na segunda, o traço de telicidade. Essas noções constituiriam o que denominamos de aspecto lexical.

Além disso, teríamos outra forma de classificarmos o aspecto, que é denominado aspecto gramatical. Ou seja, ao vislumbrarmos frases como “*Eu estudei a matéria*” e “*Eu estudava a matéria todos os dias*”, percebemos que as duas têm, como tempo, o passado. A diferença entre elas reside na noção aspectual. Isto é, na primeira frase, a ideia é de que o evento é findado e, na segunda, há ideia de progressão. Essas noções de eventos acabados e não acabados estão ligadas a aspecto gramatical e estão reveladas por morfemas. Nos dois casos, respectivamente, temos: –Ø– no pretérito perfeito (estude–Ø–i), em que –Ø– é um morfema zero que indica tempo passado e aspecto perfectivo. Já em “estudava”, temos o morfema –va–, no pretérito imperfeito (estuda –va– Ø), indicando que o tempo está no passado e o aspecto está no imperfectivo.

Na língua tétum-praça, como já explicitado, não há morfemas aspectuais ligados aos verbos. São os marcadores que informam o tipo de aspecto que é expresso na sentença.

Nesta seção, foram apresentadas as noções de tempo e aspecto de um modo geral. A seguir, traremos tais noções na língua tétum-praça.

### 3. CATEGORIAS TEMPO E ASPECTO NO TÉTUM-PRAÇA

Vejamos o tratamento de Tempo e Aspecto em tétum-praça partindo dos exemplos a seguir:

- (1) **Reza**                    **barak.**  
Rezar                    ADVÉRBIO (INTENSIDADE)  
*Rezei muito.*

- (2) **Hafoin sira nain-rua hahú ona kuda batar.**  
 Então PLURAL dois começar INCEPTIVO plantar milho  
*Então os dois começaram a plantar milho.* (Hull e Eccles, 2001, p. 124<sup>3</sup>)

A tradução do exemplo (1) só é possível se for ancorada no discurso, ou seja, só se pode fazer a tradução de tal sentença da forma como foi feita se já tiver sido colocado no discurso um marcador de passado. Assim sendo, o evento *rezar* recebe um tratamento ancorado na dêixis, e o falante vai designar, para a ação descrita, o tempo pretérito.

Já no exemplo (2), há uma referência ao tempo em que a ação *rezar* ocorreu em relação ao momento da fala (expressão da categoria de Tempo), mas também se faz referência ao desenvolvimento da ação. No exemplo (2), para expressar as noções explicitadas, foi necessário o uso do marcador *ona*.

Assim, pode-se verificar que tempo e aspecto são categorias que se manifestam de forma diferente da forma como se dão, por exemplo, na língua portuguesa. Dos dois exemplos dados em tétum-praça, pode-se constatar que (a) as categorias de tempo e de aspecto não ocorrem sob a forma de morfemas, tal como ocorrem em português; (b) as categorias de tempo e de aspecto podem se manifestar, em tétum-praça, como marcadores; (c) a categoria tempo pode ser retomada dêitica e anaforicamente.

Dito isso, passemos a explicar sobre as categorias tempo e aspecto no tétum-praça. Inicialmente, vamos apresentar como se dá a noção de tempo em tétum-praça e, depois, demonstraremos como se dá especificamente a marcação de aspecto.

O tempo em tétum está representado por advérbios, locuções adverbiais ou o que as gramáticas da língua denominam de “marcadores”, que, conforme já assinalamos, são partículas ou lexemas que designam funções gramaticais, tais como modo, tempo e aspecto. Vamos apresentar, inicialmente, como podem ser representadas as formas no passado. Em seguida, mostraremos as formas no presente e, depois, aquelas referentes ao futuro.

Para demonstrar algumas possibilidades de ocorrência de tempo passado, lembremos, inicialmente, do exemplo (2), em que *ona* codifica uma noção de tempo pretérito, mas também faz referência a uma noção de desenvolvimento de uma ação, no caso em específico, indica que a ação acabou de ser iniciada. Ao lado de *ona*, podemos ter também o marcador *tiha ona* e o advérbio *uluk*<sup>4</sup>, como denotadores de passado.

Vejamos uma sentença com *tiha ona*:

- (3) **Jean han tiha ona dose.**  
 Jean comer PASSADO doce  
 PERFECTIVO  
*Jean comeu o doce.*

3 São de Hull e Eccles (2001), os exemplos apresentados em 2, 8, 9, 10, 14, 15, 16 e 17. São de Costa (2015) os exemplos 11, 12 e 13. Importante salientar que os exemplos foram retirados das obras citadas, mas os autores deste artigo é que realizaram as glosas, fazendo, portanto, as especificações lexicais e gramaticais.

4 De acordo com Costa (2015, p. 79), “uluk” é um advérbio de tempo, que significa “antes”.

Nota-se que o marcador *tiha ona* significa que a ação descrita pelo verbo está no passado e que tem traços de aspecto de perfectivo. Outro exemplo de sentença em tétum-praça, no passado, seria determinado pelo advérbio *uluk*:

(4) **Jean uluk han dose.**  
Jean ADVÉRBIO comer doce  
PASSADO comer doce.  
IMPERFECTIVO  
*Jean comia doce.*

Pode-se observar, neste exemplo, que a partícula *uluk* dá a marcação de tempo passado e também de aspecto imperfectivo.

Importante destacar que os marcadores *ona* e *tiha ona* e o advérbio *uluk* parecem codificar tanto a categoria tempo quanto a de aspecto. Entretanto, podemos assinalar que todos os constituintes codificam o tempo passado, mas *ona* e *tiha ona*, de um lado, e *uluk*, de outro lado, expressam aspectos gramaticais diferentes. Os primeiros expressam perfectividade e o último, imperfectividade. Vale ainda notar, ao compararmos os dois exemplos em que temos a expressão do tempo passado, que *ona* e *tiha ona* são localizados à direita do verbo e *uluk*, à esquerda do verbo.

Ainda em tétum-praça, temos a seguinte sentença com uma leitura de tempo no presente:

(5) **Jean han dose.**  
Jean comer doce  
*Jean come o doce.*

Pode-se constatar que, neste caso, não há presença de marcador expressando o tempo presente, mas poderíamos ter um marcador em sentenças que são compreendidas com a caracterização de tempo no presente, conforme apresentamos a seguir:

(6) **Jean han daudaun<sup>5</sup> dose.**  
Jean comer MARCADOR/ doce  
ADVÉRBIO  
PROGRESSIVO  
*Jean está comendo doce.*

Neste exemplo, verifica-se que a sentença está no tempo presente e que *daudaun* dá a noção de progressão, continuidade, desenvolvimento do processo.

Desses exemplos com sentenças com tempo presente, verificamos que, na primeira (5), não há nenhum marcador e nenhum advérbio, já no exemplo (6), temos *daudaun* localizado à direita do verbo, denotando desenvolvimento da ação.

5 De acordo com Hull e Eccles, “**Dadaun** (ou **dadauk**) é um marcador gressivo. Pode ocorrer quer como palavra independente, quer como marcador pós-verbal” (Hull e Eccles, 2001, p. 127). Entretanto, em Costa, a partícula *dadaun* é considerada advérbio, conforme verificamos no trecho seguinte: “**Presente** – Emprega-se o verbo na forma simples ou o verbo com um advérbio ou expressão adverbial de tempo presente, que se estendem ao momento em que falamos. Advérbios que indicam o presente: oras ne’e (agora), ohin (hoje), loron ohin (neste dia), *dadaun* (presente progressivo).” (Costa, 2015, p. 68, grifo nosso).

O tempo futuro nesta língua pode ser exemplificado da seguinte forma:

(7) **Jean sei han dose.**

Jean    MARCADOR    comer    doce  
       FUTURO

*Jean comerá o doce.*

A tradução de *sei* é feita como sendo marcador de futuro. Vale ressaltar que tal marcador localiza-se à esquerda do verbo<sup>6</sup>.

Apresentadas as noções temporais em tétum-praça, vejamos o que as gramáticas da língua explicitam acerca da categoria em estudo. Uma das gramáticas em tétum-praça, de Hull e Eccles (2001, p. 120-121), nos fala que tempo verbal não é marcado de forma explícita, conforme o excerto a seguir:

Se o tempo verbal é tomado como indicação de um determinado tempo em relação ao presente, devemos concluir que o tempo não é marcado de forma explícita no verbo tétum. Mesmo o marcador *sei*, que pode ser considerado como indicador do “futuro”, não indica necessariamente um tempo mais tardio do que o presente. O futuro, neste caso, pode significar futuro em relação a um acontecimento passado (ia...) e, assim, pode indicar um processo que já pertence ao passado.

Consequentemente, consideraremos os marcadores verbais como marcadores de modo e aspecto, mas não de tempo.

Não existe uma clara demarcação em relação ao modo e aspecto (nem, como já vimos, em relação ao tempo). Talvez haja uma certa arbitrariedade ao estudar certos tópicos neste capítulo<sup>7</sup> em vez de noutro qualquer. No entanto, sentimos que estes “marcadores verbais” pertencem a este capítulo em vez de, por exemplo, ao dos adverbiais, já que, ao invés destes, os “marcadores verbais” estão fortemente restritos na sua posição em relação ao verbo. (HULL & ECCLES, 2001, p. 120-121)

---

6 É importante dizer que o *sei* parece, em outros contextos, codificar outras noções que não serão tratadas neste trabalho. Vejamos, a seguir, um exemplo retirado de Costa (2015, p. 76):

9. **Hau sei sosa kamiza ida.**

1 sg NECESSIDADE comprar camisa NUMERAL

*Tenho de comprar uma camisa.* (Exemplo retirado de Costa (2015, p. 76).)

No texto de onde foi retirado o exemplo, o autor diz que o marcador *sei* expressa necessidade ou obrigatoriedade. O exemplo foi retirado de Costa (2015) sem as especificações gramaticais que aqui trouxemos.

7 O capítulo denomina-se “O Aspecto Verbal”.



Verificamos, neste excerto, uma tomada de decisão por parte dos autores, indicando que os marcadores denotam noções aspectuais e não de tempo. Interessante ainda assinalar que Hull e Eccles (2001, p. 120-121) colocam que os ditos marcadores “estão fortemente restritos na sua posição em relação ao verbo”. Essa noção vai ao encontro do que preconiza Cinque (1999), que diz haver relação forte entre advérbios e núcleos funcionais. Ou seja, os marcadores, que são lexemas que denotam traços gramaticais, estariam fortemente atrelados aos núcleos funcionais, tal como os advérbios na teoria de Cinque.

Vejamos um excerto de outra obra, que adota outra noção em relação à categoria tempo e os marcadores. Como afirma Costa,

Em tétum, os verbos são palavras invariáveis, isto é, não flexionadas. Todas as formas verbais são reduzidas ao infinitivo e servem para designar o presente, o pretérito e o futuro, bem como os modos e as diferentes pessoas e números. As marcas de pessoa, número, tempo e aspecto são expressas através de palavras que ocorrem na frase (advérbios, locuções adverbiais, locuções verbais, etc.).

O tempo é expresso, em tétum, por palavras, advérbios ou locuções adverbiais de tempo que marcam o presente, o passado ou o futuro e o modo é expresso pelo contexto ou pela própria entonação da voz. (COSTA, 2015, p. 67)

Neste excerto de Costa (2015), há a assunção que há palavras na frase que denotam tempo e aspecto, no caso, advérbios. Costa organiza sua seção sobre tempo em tétum da seguinte maneira:

### **Presente**

Emprega-se o verbo na forma simples ou o verbo com um advérbio ou expressão adverbial de tempo presente, que se estendem ao momento em que falamos. Advérbios que indicam o presente: *oras ne'e* (agora), *ohin* (hoje), *loron ohin* (neste dia), *dadaun* (presente progressivo). (...)

### **Pretérito**

1. Para indicar factos anteriores ao momento em que falamos. Usa-se o verbo seguido da partícula *ona* ou o verbo com advérbios de tempo passado, com ou sem a partícula *ona* (pretérito perfeito). Advérbios do tempo passado: *hori uluk* (outrora), *hori sehiik* (ontem), *hori kalan* (esta noite), *hori sehiik kalan* (ontem à noite), *ohin dadér* (esta manhã), *semana liu ba* (semana passada), *tihá* (já).

2. Para indicar o pretérito imperfeito antepõe-se a partícula *uluk* ao verbo.

(...)

### **Futuro**

Para indicar o futuro antepõe-se a partícula *sei* ao verbo ou usa-se o verbo com a marca de tempo, com ou sem a partícula *sei*. Advérbios de futuro: *aban* (amanhã), *semana mai* (semana que vem), *tinan oin* (próximo ano) (...) (COSTA, 2015, p. 68)

Então, Costa se distancia de Hull e Eccles à medida que afirma que, em tétum-praça, há palavras na frase que denotam tempo e aspecto. Inicialmente, Costa fala de advérbios, mas nas subseções, que têm, como títulos, os tempos verbais (presente, pretérito e futuro), o autor indica marcadores (*ona* e *sei*, por exemplo), ao lado de advérbios (como *dadaun*), como designadores de tempo verbal.

Pode-se dizer que, diante do que apresentamos, os tempos em tétum-praça se realizam da seguinte forma: o presente é realizado com verbo somente ou acompanhado de advérbio de tempo presente; o pretérito, com o verbo acompanhado dos marcadores *titha ona*, *ona* ou antecedido do advérbio *uluk*; e o futuro é marcado com o *sei* seguido do verbo.

A ideia, até o momento, era a de demonstrar como a noção de tempo ocorre em tétum-praça. Entretanto, vimos que noções aspectuais (além de outras) estão implicadas na discussão. A seguir, vamos expor a categoria aspectual na língua em questão.

Vejamos o seguinte quadro de alguns marcadores verbais com suas respectivas funções aspectuais apontadas por Hull e Eccles (2001, p. 121).

**Quadro 1: Alguns marcadores aspectuais em tétum-praça**

<b>Marcador</b>	<b>Posição</b>	<b>Função aspectual</b>
<i>Titha</i>	<b>após</b> o verbo	<b>Perfectiva:</b> indica que o processo verbal está completo.
<i>Ona</i>	<b>após</b> o verbo	<b>Inceptiva:</b> indica que começou um processo ou que surgiu uma situação.
<i>Sei</i>	<b>antes</b> do verbo	<b>Prospectiva:</b> indica que ainda não foi atingido o ponto final do processo.

**Fonte:** Extraído de Hull & Eccles (2001, p. 121).

A seguir, apresentamos, de forma mais detalhada, cada noção exposta no quadro anterior:

### **Marcador *titha***

De acordo com Hull e Eccles (2001, p. 121-124), *titha* segue o verbo e marca o processo verbal como tendo sido completado num ponto determinado; isto é, algo aconteceu e depois terminou. Os autores apresentam quatro contextos em que *titha* ocorre: (a) ação acabada no passado, (b) ação não acabada no passado, (c) omissão de objetos pronominais após *titha* e (d) *titha* como marcador de uma ação

de fundo. Vamos apresentar, neste texto, os itens (a) e (d), que, para nós, estão mais relacionadas às questões aspectuais. O item (b), na obra mencionada, parece-nos, mais ligado à questão de modo, modalidade e modalização<sup>8</sup> e (c) não se aplica ao assunto ora tratado.

Para exemplificar a ação acabada no passado, os autores trazem o seguinte exemplo:

**(8) Komandante bá tiha Hudilaran.**

Comandante ir MARCADOR Hudilaran  
PASSADO  
PERFECTIVIDADE

*O comandante foi a Hudilaran.* (HULL E ECCLES, 2001, p. 122)

E, para demonstrar o *tiha* como marcador de uma ação de fundo, Hull e Eccles (2001, p. 123) trazem a seguinte explicação e exemplo:

**Tiha** pode indicar que o processo do verbo que marca acabou antes do início do processo do verbo da oração seguinte. Por outras palavras, a realização do primeiro processo é uma situação que forma uma cena de fundo para o segundo processo:

**Prenxe tiha formuláriu, haú fó kedas ba sekretária.**

Tendo preenchido o formulário, dei-o imediatamente à secretária”  
(HULL E ECCLES, 2001, p. 123)

Costa (2015), ao tratar de particularidades de partículas na frase, discorre o seguinte sobre *tiha*:

Colocada depois de verbos indica fim de uma oração já concretizada, formando passado, mas subentende-se sempre o elemento ‘ona’. Exs.: Berek la’o tiha (ona) – O Berek foi-se; Tetik bá tiha (ona) uma – O Tetik foi a casa.

1.1. Ocorre ainda a expressão “*tiha ona*” e nunca “*ona tiha*” como meio de reforçar o aspeto<sup>9</sup> do perfeito do tempo pretérito. Ex.: Nia han tiha ona – Ele já comeu. (COSTA, 2015, p. 73)

Costa ainda traz o carácter qualificativo que *tiha* pode proporcionar à frase e a possibilidade de exprimir

<sup>8</sup> Este item (b) está assim escrito no texto: “**Acção** não acabada no passado – Os exemplos que se seguem demonstram que o equivalente de um verbo marcado com **tiha** não é necessariamente um pretérito perfeito simples. A realização do processo pode dar-se no futuro: **Halai tiha hosi ne’e!** Foge daqui!, **Janela ne’e e fo’er; tenke hamoos tiha.** Esta janela está suja; é preciso limpá-la. **Imi bele hasai fatuk boot ne’e?** Podeis remover esta grande pedra?, **Uma sira ne’e sei sunu tiha.** Estas casas serão incendiadas.”. Para nós, neste item, temos exemplos de uso de *tiha* para além da questão temporal e aspectual. Baseando-nos no trecho de Castilho & Castilho (2002, p. 201), “A Gramática Tradicional reconhece dois grandes componentes na sentença: o componente proposicional, constituído de sujeito + predicado (=dictum), e o componente modal, que é uma qualificação do conteúdo da forma de P, de acordo com o julgamento do falante (=modus). Esse julgamento se expressa de dois modos: 1) o falante apresenta o conteúdo proposicional numa forma assertiva (afirmativa ou negativa), interrogativa (polar ou não-polar) e jussiva (imperativa ou optativa); 2) o falante expressa seu relacionamento com o conteúdo proposicional, avaliando seu teor de verdade ou expressando seu julgamento sobre a forma escolhida para a verbalização desse conteúdo.”. No primeiro caso, parece tratar-se de modo ou modalidade e, no segundo caso, de modo ou modalização. Acreditamos que, nos exemplos trazidos por Hull e Eccles para o item (b), há casos de modalidade e modalização, além, é claro, da noção de futuro proporcionada pelo marcador ‘sei’ no último exemplo. As noções de modo, modalidade e modalização não serão objeto de estudo deste artigo.

<sup>9</sup> O texto original é escrito no português europeu, daí a grafia “aspeto”.

ordem ou desejo<sup>10</sup>.

De forma a resumir nossa discussão sobre os usos do *tiha* para os fins deste trabalho, apresentamos os esquemas a seguir com base em Hull e Eccles (2001) e Costa (2015):

Verbo + TIHA → esta estrutura denota ideia de perfectivo.

Fonte: Hull e Eccles (2001, p. 123- 124).

Verbo + TIHA ona → esta estrutura denota a ideia de passado e de perfectividade em uma oração.

Fonte: Costa (2015, p. 73).

Assim sendo, vemos que Costa admite a partícula *tiha*, seguida de *ona*, como expressão de tempo e de aspecto. Já Hull e Eccles não admitem a marcação de tempo por parte de *tiha* (seguido ou não de *ona*), que decodificaria somente aspecto perfectivo. Vejamos, a seguir, a explanação acerca do marcador *ona*.

### Marcador *ona*

O marcador *ona* é colocado posposto ao verbo e dá início a uma nova situação. Ele pode indicar, conforme nos dizem Hull e Eccles (2001, p. 124), (a) que uma ação está começando ou já começou. Ou seja, tem uma noção de aspecto inceptivo. (b) Também pode demonstrar que uma nova situação resulta de uma ação, ou (c) até mesmo que uma nova situação, enfatizada por um adjetivo, acabou de surgir.

No que diz respeito ao item (a), Hull e Eccles explicitam o seguinte: “o **ona** pode ser aproximadamente o equivalente de *agora começa a* e pode até ser associado a **hahú começar**”. (Hull e Eccles, 2001, p. 124). Vejamos o exemplo dado pelos autores, já apresentado como (2) e rerepresentado aqui como (9):

(9) **Hafoin sira na'in-rua hahú ona kuda batar.**

*Então* PLURAL NUMERAL [DOIS] começar INCEPTIVO plantar milho

*Então os dois começaram a plantar milho.*

Em relação ao item (b), os autores dizem que se pode também utilizar o *ona* para marcar o fato que fez aparecer uma nova situação por meio de uma ação. Assemelha-se, muitas vezes, de acordo com Hull e Eccles (2001, p. 125), ao significado de *já* ou (*por*) *agora*. Vejamos um exemplo dado pelos autores (*op. cit.*, 125):

(10) **Nia ba ona Atsabe.**

3sg MASC. ir INCEPTIVO Atsabe

*Ele já partiu para Atsabe.*

Hull e Eccles ainda trazem o uso de *ona* como marcadores de adjetivos (para indicar que uma nova situação teve início) e o uso de *ona* com negativos (que normalmente indica já não)<sup>11</sup>.

10 Exemplo de ordem dado por Costa (2015, p. 73): *Soe tiha livru ne'e* – Deite fora este livro. Esse é um exemplo claro de *tiha* funcionando como marca de modo imperativo.

11 Ao final do item (a), “**Acção que se inicia ou já iniciada**”, Hull e Eccles discorrem sobre o uso de *ona* como marcador de verbo utilizado

Costa (2015, p. 72) apresenta o seguinte para o uso do *ona*: “(a partícula *ona*) posposta ao verbo indica o passado”. O exemplo abaixo é do autor:

**(11) Kehi mate ona**

Kehi morrer MARCADOR  
PASSADO

*O Kehi morreu.*

O autor ainda traz, para a elucidação do uso de *ona*: “Depois de uma palavra que não seja verbo, numa oração composta, indica uma ação recentemente concretizada”. Costa dá o seguinte exemplo (Costa, 2015, p. 72):

**(12) Kehi moras, maibé di’ak ona**

Kehi doença mas bem MARCADOR  
PERFECTIVO

O Kehi esteve doente, mas já está melhor.”.

Ainda ligado à questão aspectual, pode-se trazer a explicitação de Costa: “Usa-se ainda a expressão *tiha ona* para indicar um facto já concretizado”. Vejamos um exemplo dado pelo autor (Costa, 2015, p. 72):

**(13) Haú la bá tan bá tiha ona hori sehik**

1sg não ir mais ir MARCADOR ADVÉRBIO  
PERFECTIVO ONTEM

Eu não vou porque já fui ontem.

O autor ainda traz outros usos do *ona*, que não se aplicam neste estudo, inclusive um que é mais ligado a modo<sup>12</sup>.

De forma a resumir a exposição sobre os usos do *ona* para fins deste trabalho, apresentamos os esquemas a seguir com base em Hull e Eccles (2001) e Costa (2015):

VERBO + ONA → ideia de aspecto inceptivo, indica que um processo já começou. Pode equivaler a: “agora começa”, “já” e “agora”.

Fonte: Hull e Eccles (2001, p. 124 -125).

Verbo + ONA → tempo passado, aspecto perfectivo.

*Ona* acompanhando *tiha*:

Verbo + *tiha ona* → tempo passado, aspecto perfectivo.

Fonte: Costa (2015, p. 72).

No que diz respeito ao uso do *ona*, verificamos novamente que Hull e Eccles adotam somente a noção de aspecto para tal constituinte. Já Costa, explicitamente, nos aponta para a noção de passado. A seguir, vejamos o tratamento dado à partícula *sei*.

no imperativo: **Hala ona!** *Faz isso já!* (Hull e Eccles, 2001, p. 125). Conforme já dito, a noção de modo não será tratada neste artigo.

12 Nas palavras de Costa (2015, p. 72): (*Ona*) Usada também na forma de convite. Ex.: *Mai tia han ona!* – Vamos comer!

## Marcador *sei*

Segundo HULL e ECCLES:

*Sei*, que precede imediatamente um verbo, funciona de dois modos para modificar o processo verbal: (1) pode indicar que o processo, tendo começado, não está acabado, e é deste modo equivalente a *ainda*; (2) pode indicar que o processo ainda está por começar e por acabar, referindo-se assim ao futuro. Em qualquer dos casos, indica que a conclusão do processo ainda não foi atingida, e nós chamaremos a este marcador “prospectivo”. (HULL & ECCLES, 2001, p. 133).

Para os autores, *sei* terá sua função *prospectiva durativa* quando marcar um processo já iniciado (ainda) e terá função *prospectiva futura* quando tratar de um processo que ainda não começou. Vejamos o exemplo de Hull e Eccles (2001, p. 133):

(14) **Se há’u seidauk kaben, há’u sei klosan, sira sei fó osan ba**  
Se 1sg MARCADOR casado 1sg MARCADOR solteiro, 3pl MARCADOR dar dinheiro ir  
AINDA NÃO AINDA

**há’u atu kaben**

1sg para casar

*Se eu ainda não fosse casado, e ainda fosse solteiro, eles dar-me-iam dinheiro para casar.*

Para os autores, nesse exemplo, há as duas noções mencionadas - a de “ainda” para o primeiro *sei* e a ideia de futuro para o segundo *sei*. Já no exemplo a seguir, Hull e Eccles (2001, p. 134) admitem que *sei* acolhe as duas noções anteriormente explicitadas:

(15) **Sei iha buat barak tan.**  
MARCADOR *haverá coisa muito mais.*  
PROSPECTIVO  
(AINDA)  
FUTURO  
*Ainda haverá muito mais coisas.*

Nas palavras dos autores, o exemplo acima expressa “a lista de coisas, tendo começado, ainda não acabou; e, ao mesmo tempo, novas coisas vão aparecer no futuro.”.

Também para Hull e Eccles (2001, p. 134), *sei* pode ter a noção prospectiva-durativa, como em:

(16) **Júlia Alves sei serbisu iha xanselaria.**  
Júlia Alves MARCADOR serviço na chancelaria  
DURATIVO  
AINDA  
*A Júlia Alves ainda está a trabalhar na chancelaria*

E também pode ter a noção de prospecção e futuro, tal como em:

(17) **Aban Tia Lola sei bá Dare.**  
Amanhã Tia Lola MARCADOR ir Dare.  
PROSPECTIVO  
*Amanhã a Tia Lola irá a Dare.*

Costa (2015) traz algumas particularidades de *sei*:

- a) Antes do verbo transitivo ou marca do tempo futuro, indica futuro. Ex.: *Ha'u sei fera ai maran* (ou *Aban ha'u sei fera ai maran*) – Eu hei de rachar a lenha (ou Amanhã recharei a lenha).
- b) Antes do verbo intransitivo, indica uma ação que se prolonga no tempo presente. Ex.: *Miguel seu haris* – O Miguel está a tomar banho. (COSTA, 2015, p. 72)

O autor ainda traz outros usos de *sei*, que não são escopo deste artigo<sup>13</sup>.

Ainda que Hull e Eccles tenham declarado que marcadores não codificam noção de tempo, de alguma forma, os autores acreditam que o marcador *sei* expressa noção de futuro. Assim sendo, podemos resumir as ideias das duas obras consultadas da seguinte forma:

SEI + verbo → processo começado e não acabado = equivale a ‘ainda’.  
SEI + verbo → processo que está por começar e por acabar = equivale a noção de futuro.  
Ambas as noções têm caráter prospectivo (a conclusão do processo não foi atingida).

Fonte: Hull e Eccles (2001, p. 133-135)

SEI + Verbo Transitivo → noção de futuro.  
SEI + Verbo Intransitivo → ação que se prolonga no tempo.

Fonte: Costa (2015, p. 72).

O tempo e o aspecto, em tétum-praça, podem ser determinados também por advérbios, mas, como não é foco neste trabalho, não traremos aqui uma abordagem sobre o assunto. Todavia, é importante dizer que os marcadores exercem, na marcação de tempo e de aspecto, papéis muito semelhantes aos dos advérbios apresentados no trabalho de Cinque (1999). Por isso, neste trabalho, usamos a ideia do autor para o tratamento e localização dos marcadores de tempo e de aspecto do tétum-praça.

A seguir, apresentaremos alguns pressupostos da Teoria Gerativa e a proposta de Cinque (1999).

#### 4. TEORIA GERATIVA E A HIPÓTESE DO SINTAGMA ADVERBIAL NA POSIÇÃO DE ESPECIFICADOR DE UM NÓDULO FUNCIONAL

Como já indicado na Introdução, este artigo ancora-se nos pressupostos da Teoria Gerativa e, nessa perspectiva, existiria uma faculdade da linguagem que incorporaria princípios gramaticais universais e um conjunto de parâmetros que imporiam várias restrições entre as estruturas sentenciais permitidas nas línguas naturais. Dessa forma, à medida que os parâmetros são fixados, uma gramática é estabelecida.

<sup>13</sup> Costa (2015, p. 72) traz *sei* como marca de obrigatoriedade da ação. Ex.: *O sei hemu aimoruk atu bele dí'ak* – Deves tomar remédio para te curares.

Diante do exposto, pode-se verificar a ligação da teoria dos Princípios e Parâmetros e a melhor compreensão das categorias funcionais<sup>14</sup>. De acordo com Borer (1984), a noção dos parâmetros está ligada às categorias funcionais. Nessa perspectiva, as categorias funcionais (por exemplo, complementizadores, categoria de tempo e determinantes) ou os elementos morfológicos ligados a elas são os “responsáveis pela diferença de fixação de parâmetro”. Dessa maneira, percebe-se a importância que as categorias funcionais assumem na dimensão estrutural, estabelecendo relações entre palavras e orações. Essa concepção é interessante para nossa pesquisa, uma vez que estamos em busca do entendimento das categorias funcionais tempo e aspecto e sua relação com marcadores temporais e aspectuais na língua tétum-praça.

A Teoria Gerativa, à luz do Programa Minimalista (Chomsky 1995, 1998, 1999, 2001), propõe que a linguagem deve ser considerada um sistema perfeito com um *design* ótimo, pois as gramáticas de uma língua natural criam estruturas que são enviadas à interface, ou seja, aos sistemas da fala e do pensamento.

Uma gramática de uma língua compreende alguns níveis. Um componente da gramática é o léxico, o qual corresponde à lista de todas as palavras de uma língua e suas propriedades linguísticas. Tais palavras são escolhidas e combinadas por uma série de computações sintáticas realizadas no componente computacional, formando uma estrutura sintática, que é enviada para *Spell-out* e serve de *input* para dois outros componentes da gramática: o componente semântico, que gera uma representação semântica dessa estrutura sintática, e o fonológico, que gera uma representação fonológica de estrutura sintática. A representação semântica faz interface com o sistema do pensamento ou sistema conceptual-intencional e a representação fonológica faz interface com o sistema da fala ou o sistema articulatório-perceptual.

Do léxico, são retirados os itens linguísticos de forma aleatória para formar a Numeração, que vem a ser um conjunto de itens lexicais. Tais itens, quando entram na Numeração, têm um conjunto de traços fonológicos, traços semânticos e um complexo de traços formais. Os itens lexicais entram, então, no componente computacional e esse trabalha com duas operações: *merge* (em português, concatenar) e *move* (em português, mover). A primeira operação agrega elementos linguísticos e, portanto, forma objetos sintáticos. A segunda operação é mais complexa que aquela, pois movimenta um determinado elemento linguístico, gerando uma cópia, que, por sua vez, está em uma cadeia e é idêntica ao elemento movimentado, só que em posição distinta da posição deste na estrutura sintática.

A operação *merge* ocorre sempre de forma binária, pois une dois constituintes de cada vez. Toda projeção máxima, que, em suma, é um sintagma, teria o núcleo unido ao complemento e este produto seria, em seguida, concatenado ao elemento que está na posição de especificador (Esp). Depois que o sintagma verbal, por exemplo, está formado, o verbo se movimenta até o núcleo do Sintagma de Tempo para ter os traços de tempo valorados. Assim que se dão as duas operações, a

<sup>14</sup> Ao lado das categorias funcionais, teríamos as categorias lexicais, que, nos moldes da teoria gerativa, seriam os nomes, os verbos, os adjetivos e as preposições.



estrutura é submetida a *Spell-out*, que, por sua vez, alimenta os sistemas conceptual-intencional e articulatório-perceptual.

Dito tudo isso, podemos depreender que é a morfologia de uma dada língua que desencadeia o movimento de elementos categoriais ou os traços para valoração de suas propriedades. Além disso, pode-se dizer que cada língua estaria encaixada em sistemas de desempenho que permitiriam que as suas expressões fossem usadas para articular, interpretar, referir, perguntar etc.

Neste contexto, é que apresentamos um importante estudo acerca da relação entre categorias funcionais e determinados advérbios, trabalho este realizado por Cinque (1999). O autor propõe que as noções de modalidade, modo, tempo e aspecto são relacionadas a advérbios da mesma natureza em várias línguas naturais.

Cinque (1999) sugere que há sintagmas adverbiais na posição de especificador de um sintagma de categoria funcional e cada lugar ocupado pelo advérbio resguardaria, na sintaxe, uma relação rígida com um respectivo núcleo funcional. A ideia é que o advérbio corresponda semanticamente ao núcleo funcional daquela projeção. O posicionamento do advérbio em um dado especificador de um sintagma flexional seria licenciado em razão da checagem de traços entre o advérbio e o núcleo de mesma natureza, dominados pela mesma projeção máxima, em uma ordenação rígida, definida pela Gramática Universal (GU).

O modelo de Cinque (1999) é assim proposto:

[*francamente* **Modo**<sub>ato de fala</sub>] [*felizmente* **Modo**<sub>avaliativo</sub>] [*evidentemente* **Modo**<sub>evidencial</sub>] [*provavelmente* **Modalização**<sub>epistêmica</sub>] [*uma vez* **T (Passado)**] [*então* **T (Futuro)**] [*talvez* **Modo**<sub>irrealis</sub>] [*necessariamente* **Modalização**<sub>necessidade</sub>] [*possivelmente* **Modalização**<sub>possibilidade</sub>] [*normalmente/geralmente* **Asp**<sub>habitual</sub>] [*novamente* **Asp**<sub>repetitivo(I)</sub>] [*frequentemente* **Asp**<sub>frequentativo</sub>] [*intencionalmente* **Modalização**<sub>volitiva</sub>] [*rapidamente* **Asp**<sub>celerativo</sub>] [*já* **T (Anterior)**] [*não mais* **Asp**<sub>terminativo</sub>] [*ainda* **Asp**<sub>continuativo</sub>] [*sempre* **Asp**<sub>perfectivo(?)</sub>] [*só* **Asp**<sub>retrospectivo</sub>] [*brevemente* **Asp**<sub>proximativo</sub>] [*brevemente* **Asp**<sub>durativo</sub>] [*caracteristicamente(?)* **Asp**<sub>genérico/progressivo</sub>] [*completamente* **Asp**<sub>completivo(I)</sub>] [*tudo* **Asp**<sub>completivo</sub>] [*bem Voz*] [*rápido/cedo* **Asp**<sub>celerativo(II)</sub>] [*de novo* **Asp**<sub>repetitivo(II)</sub>] [*frequentemente* **Asp**<sub>frequentativo(II)</sub>] [*completamente* **Asp**<sub>completivo(II)</sub>]

FONTE: Cinque (1999, p. 106), tradução feita por nós.

Cada item em negrito corresponderia a uma projeção máxima e cada advérbio à esquerda estaria na posição do especificador de tal projeção máxima.

Cinque considera que é raro um advérbio ocupar diversas posições e coloca que, se isso ocorre, é que os advérbios podem ser gerados independentemente nas duas posições ou que elas são associadas a movimentos. O autor sugere que a hierarquia de advérbios e núcleos funcionais é uma propriedade primitiva dos componentes computacionais, ainda que as posições hierárquicas não sejam sempre usadas, pois os núcleos necessariamente viriam com um valor marcado ou um valor *default*.

Desse modo, todas as sentenças utilizariam toda a estrutura funcional, mas haveria uma escolha da combinação de marcado ou *default*. De acordo com Cinque (*op.cit.*, p. 128-130), “marcado” seria o membro com aplicação mais restrita. É menos frequente, mais complexo conceptualmente e é expresso por uma morfologia explícita. O membro não marcado tem uma aplicação mais ampla, mais frequente, mais básica conceptualmente e, de um modo geral, é expresso por um morfema zero.

No que diz respeito ao tempo passado e aos aspectos por nós estudados, Cinque assinala o seguinte: o caso em que os pontos de tempo são coincidentes, ou seja, em que o tempo de fala, de referência e de tempo de evento são coincidentes, o valor é *default*. Quando não há coincidência entre os tempos referidos, o valor é marcado. Portanto, o presente é *default* (não marcado) e o passado tem valor marcado. No que diz respeito aos núcleos aspectuais, Cinque (*op. cit.*) considera a presença do traço relevante (que é tipicamente associado à morfologia explícita) para representar o valor marcado do núcleo e sua ausência para representar o valor *default*.

Decorre da aceção anterior a afirmativa que, em todas as línguas naturais, haveria um arranjo com todas as projeções funcionais disponíveis, pois os núcleos funcionais estariam lá, com seus valores marcados e não marcados. Portanto, uma sentença como *Prices rise* teria a mesma estrutura funcional que uma sentença aparentemente mais complexa, como *Prices must not have been raised*. Isto porque, no caso da segunda sentença, os valores seriam marcados e, no caso da primeira sentença, o valor é não marcado, sendo que todas as categorias funcionais estariam presentes na estrutura sintática.

Nesta perspectiva, passamos a investigar o papel dos marcadores em língua tétum-praça (que, em nossa opinião, desempenham papel similar a de advérbios) e sua relação com os núcleos funcionais de tempo e de aspecto. A seguir, passaremos à explicitação da metodologia adotada nesta pesquisa.

## 5. METODOLOGIA

Esta seção visa a explicitar a forma como foi realizada a análise das categorias tempo e aspecto em tétum-praça.

O *corpus* deste trabalho constituiu-se de trechos de falas de discursos televisionados pela TVTL (Televisão de Timor-Leste) e RTP (Rádio e Televisão Portuguesa) em ambiente formal por parte de pessoas do primeiro escalão do governo timorense. O debate oral analisado está disponibilizado no *youtube*<sup>15</sup> cujo tema central era ‘Xanana Gusmão *versus* Mauk Moruk’. O objetivo da nossa pesquisa é estudar o uso real da língua tétum-praça. Portanto, as sentenças analisadas não foram editadas. As falas são de dois membros do governo e líderes de partidos políticos. São eles: Taur Matan Ruak, atual Presidente da República Democrática de Timor-Leste, e Mari Alkatiri, Presidente da FRETILIN (partido político de grande extensão em Timor-Leste) e ex-Primeiro Ministro.

No trecho transcrito e selecionado para este trabalho, havia 32 sentenças com verbos e, ao estudá-las, localizamos o verbo e o marcador de tempo e aspecto. Em seguida, verificamos a relação sintático-

15 Acesso em <https://www.youtube.com/watch?v=aFV9iqzrvul>, no dia 01/11/2016.

semântica estabelecida entre marcador e o verbo.

A seguir, apresentaremos os dados de nossa pesquisa e a análise feita.

## 6. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, faremos a apresentação dos dados observados nesta pesquisa e uma reflexão a respeito das categorias tempo e aspecto, relacionadas a marcadores e sua ligação com os verbos na língua tétum-praça. Importante dizer que os elementos que marcam tempo e aspecto encontrados nos discursos analisados não foram muito numerosos.

No trecho a seguir,

**ba ita tanba ita bele halibur na iha ne'e**

para 1pl porque 1pl pode reunir pessoa aqui

*para nós, porque as pessoas podem reunir aqui*

Fonte: Otoni, 2016, p. 100.

Não há marcador nem advérbio e a leitura que se faz é de tempo presente. Essa é uma observação importante porque, em muitos outros contextos, temos um verbo e nenhum outro marcador ou advérbio de tempo presente, e a leitura do evento ou da situação é sempre feita no presente pragmaticamente.

Também verificamos frases com advérbio, sem verbo. Apesar de não haver nenhum verbo no trecho a seguir, percebemos que há um marcador de tempo, expresso pelo advérbio *ohin* (hoje). Esse parece ser um marcador de todo o discurso.

**Konvidadu tomak ohin loron importante tebes ba Timor**

Convidado PLURAL ADVÉRBIO dia importante ADVÉRBIO para Timor

HOJE

INTENSIDADE

*Convidados, hoje é um dia muito importante para Timor.*

Fonte: Otoni, 2016, p. 100.

Ainda temos outra situação: o advérbio *iha ne'e* (aqui), no trecho abaixo, tradicionalmente advérbio de espaço, parece funcionar, nesta sentença, como advérbio<sup>16</sup> de tempo no presente:

16 Esta decisão de tomarmos, neste contexto, o advérbio de espaço *iha ne'e* (aqui) como um advérbio de tempo não é aleatória. Sabe-se, por meio de muitos estudos (não necessariamente do quadro teórico gerativista), que processos de gramaticalização são naturais. Ou seja, elementos lexicais passam, por diversos motivos, a assumir funções gramaticais e determinadas formas gramaticalizadas passam, com o decorrer do tempo, a assumir novas funções gramaticais. Isso vai ao encontro, por exemplo, do que preconiza a hipótese de Heine *et al.* (1991), em que se prevê um movimento de gramaticalização obedecendo à seguinte ordem: pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade, para corpo > objeto > mente. É neste contexto que consideramos que o advérbio de lugar (espaço), no caso, *iha ne'e* (aqui), passa a assumir uma função de expressão de tempo. Para falantes nativos do tétum-praça, é comum usar esse advérbio de lugar para determinar o tempo. Logo, tal advérbio pode estar passando a expressar também outra função gramatical: a de tempo presente, obedecendo à ordem do paradigma proposto por Heine *et al.* (*op. cit.*).

<b>Iha ne'e</b> ADVÉRBIO	<b>hau nia</b>	<b>maun L7</b>	<b>aman</b>	<b>maun</b>	<b>ba</b>	<b>Mauk Moruk</b>
AQUI	meu	irmão L7	pai	homem	para	Mauk Moruk
<i>Aqui presente um homem “meu irmão L7”, pai para Mauk Moruk</i>						

Fonte: Otoni, 2016, p. 107.

No trecho a seguir, temos o verbo *rona* (ouvir), precedido de um marcador de tempo futuro.

<b>Ne'e duni</b>	<b>polémika</b>	<b>ida ne'e</b>	<b>or-sida</b>	<b>ita</b>	<b>sei</b>	<b>rona</b>	<b>liu</b>	<b>tan</b>	<b>tuir</b>
Por-tanto	polêmica	esta	logo	1pl	MARCADOR FUTURO	ouvir	mais	muito	concordar
<i>Portanto, esta polêmica logo ouviremos muito mais e concordarão</i>									

Fonte: Otoni, 2016, p. 115.

O marcador *sei* dá a noção de futuro ao verbo *rona*. Pode-se dizer que *sei* também dará a noção de futuro para o verbo *tuir* (concordar).

No trecho a seguir, temos o verbo *hatete* (dizer), seguido do marcador *tiha ona*. Esse marcador reforça o aspecto perfectivo do tempo pretérito. Ainda neste exemplo, temos o verbo *ko'alia* (falar) com o marcador de tempo futuro *sei* anteposto.

<b>señor</b>	<b>hatete</b>	<b>tiha ona</b>	<b>ita</b>	<b>mós</b>	<b>sei</b>	<b>ko'alia</b>
senhor	Dizer	MARCADOR PASSADO PERFECTIVO	nós	também	MARCADOR FUTURO	falar
<i>(com que o) senhor disse e também falaremos</i>						

Fonte: Otoni, 2016, p. 115.

No trecho abaixo, temos o verbo *mate* (morrer) seguido do marcador perfectivo *ona*.

<b>Hanesan</b>	<b>ita</b>	<b>mas</b>	<b>mate</b>	<b>hotu</b>	<b>ona</b>	<b>hodi</b>	<b>fila</b>
Mesmo	1pl	mas	mor-rer	todo	MARCA-DOR PASSADO PERFECTIVO	para	voltar
<i>mesmo de nós, mas morreram para voltar</i>							

Fonte: Otoni, 2016, p. 102.

Baseando-nos na observação dos dados encontrados em nossa pesquisa, podemos partir para as reflexões. Em relação aos marcadores/advérbios expressando a categoria tempo, podemos notar que o presente não necessariamente precisa de um marcador ou advérbio. Quando há marcação, esta apresenta-se como ênfase para o que é dito.

O tempo presente parece ser um tempo *default*, ou seja, não marcado. Por isso, em não se colocando nenhum outro marcador de tempo, que, geralmente, é de passado ou de futuro, o tempo é considerado presente. Essa noção parece ser ainda marcada uma primeira vez no início do discurso e, então, é retomada anaforicamente.

Outra observação interessante que se pode fazer é que o advérbio designador de lugar (espaço) pode acabar caracterizando o tempo presente, na língua tétum-praça, como vimos anteriormente.

O tempo futuro ocorre com a presença do marcador *sei* e é encontrado à esquerda do verbo. O tempo passado e aspecto perfectivo, em nosso *corpus*, ocorrem com a presença do marcador *tiha (ona)* e o tempo passado e aspecto inceptivo/perfectivo ocorrem com o *ona*. *Tiha ona* e *ona* são encontrados à direita do verbo.

Isto posto, apresentamos a configuração dos marcadores de tempo e de aspecto encontrados em nosso *corpus*:

**Quadro 2: configuração estrutural e semântica dos marcadores encontrados em nosso *corpus***

Verbo → expressa noção de tempo presente.

**SEI** + verbo → expressa noção de tempo futuro.

Verbo + **TIHA ONA** → expressa noção de tempo passado e de aspecto perfectivo.

Verbo + **ONA** → expressa noção de tempo passado, de aspecto inceptivo/perfectivo.

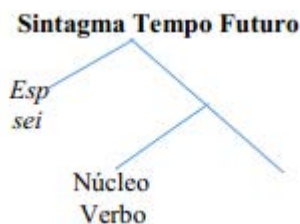
**Fonte:** elaborado pelos autores desse artigo.

Promovendo uma articulação com a teoria trazida em nosso trabalho, podemos nos remeter à gramática de Hull e Eccles (2001), os quais assinalam que tempo verbal não é marcado de forma explícita na língua tétum-praça e que os marcadores denotam noções de modo e aspecto. Já Costa (2015), explicitamente, nos diz que determinados marcadores aqui estudados, como *tiha ona*, *ona* e *sei*, expressam noções temporais e aspectuais.

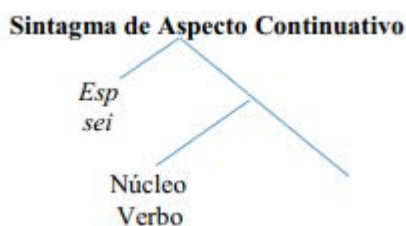
A fim de discutir o papel de tais marcadores e articulando-os ao quadro teórico eleito para este trabalho, vamos apresentar as nossas análises a partir do estudo feito do *corpus* eleito para esta pesquisa. Começemos a explanação com o marcador *sei*.

Sabe-se que o marcador *sei* pode funcionar como partícula designadora de futuro e de aspecto prospectivo. Isso é trazido por Hull e Eccles (2001) e também por Costa (2015). Entretanto, este último autor refina a explicação, dizendo que a ideia de tempo futuro se dá com o verbo transitivo e a ideia de prospectividade ocorre com o verbo intransitivo. Em nosso *corpus*, o *sei* surgiu expressando tempo futuro e é anteposto ao verbo transitivo, ainda que os objetos tenham sido nulos, sendo,

portanto, retomados anaforicamente. Assim sendo, sugerimos que o marcador *sei* ocupe o lugar de especificador de um núcleo funcional de tempo futuro, tal como Cinque (1999, p. 106) propõe em seu diagrama. A projeção máxima de (ou sintagma de) Tempo Futuro seria assim constituída:



Apesar de em nosso *corpus* não ter surgido o *sei* com noção de aspecto prospectivo, sugerimos que ele deva ocorrer na posição de especificador da projeção máxima, denominada por Cinque (1999), como Sintagma de Aspecto Continuativo. Na proposta do autor, o advérbio *still* (ainda) ocupa a posição de especificador de tal projeção. A projeção a ser ocupada pelo *sei* com a semântica em questão seria:

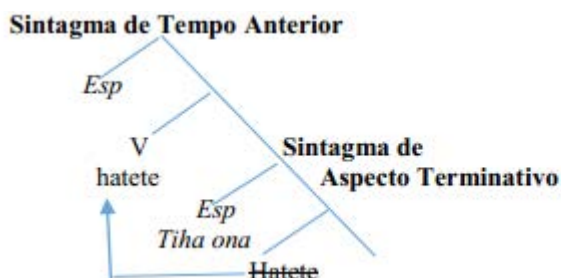


Vale dizer que, na proposta de Cinque, há previsão de uma projeção máxima de Aspecto Prospectivo, com o sintagma adverbial *almost* (quase) na posição de especificador. Em função da ideia de “prospectividade durativa”, usando as palavras de Hull e Eccles (2001, p. 133), e até mesmo a colocação dos autores sobre o *sei* prospectivo, o qual “pode indicar que o processo, tendo começado, não está acabado, e é deste modo equivalente a ainda”, sugerimos que *sei*, com tal semântica, esteja na projeção máxima de Aspecto Continuativo e, não, de Aspecto Prospectivo.

Passemos à articulação dos marcadores *tíha ona* e *ona* à teoria proposta neste artigo. Para Hull e Eccles (2001, p. 123-124), o marcador *tíha* denota a ideia de perfectividade. Costa (2015, p. 73) indica que *tíha* (que pode ser seguido de *ona*) denota a ideia de passado e de perfectividade em uma oração. Para Hull e Eccles, o marcador *ona* dá início a uma nova situação ou indica uma ação que já começou. Para os autores, o marcador *ona* pode equivaler ao “agora começa a” ou a “já”. Por outro lado, Costa (2015, p. 72) afirma que o marcador *ona* indica passado, além de expressar uma ação recentemente concretizada. Então, *tíha ona* e *ona* parecem acumular funções gramaticais, dentre elas, a de tempo e a de aspecto, pelo menos é o que sugere Costa (2015).

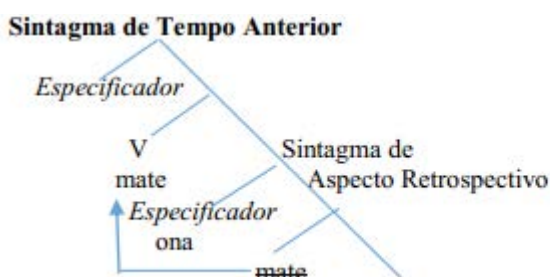
Contudo, podemos pensar também que a perfectividade é um traço aspectual estreitamente ligado ao tempo pretérito, embora sejam noções distintas, conforme foi delineado no início deste artigo. Mas o fato é que eventos perfectivos, de um modo geral, mapeam a noção temporal passado e é essa a postura que adotaremos aqui para propor a inclusão de *tíha ona* e *ona* à teoria de Cinque.

Ao sugerirmos a incorporação de *tiha* na árvore de Cinque, verificamos que ela, somada ou não a *ona* (*tiha* ou *tiha ona*), encontra-se à direita do verbo. Dessa forma, a sugestão é que o *tiha* (*ona*) encontra-se na posição de especificador da projeção máxima Aspecto Terminativo (em cuja posição de especificador, de acordo com Cinque (1999), teríamos um sintagma adverbial *no longer* (não mais)). A projeção acima desta seria Tempo Anterior, cujo núcleo hospedaria, depois de um movimento, o verbo inicialmente concatenado a *tiha* (*ona*). Podemos demonstrar o que sugerimos aqui no diagrama abaixo para o sintagma verbal *hatete tiha ona* (disse).



Desta forma, temos uma explicação para a localização do marcador *tiha ona* à direita do verbo, para a relação entre *tiha ona* na posição de especificador do Sintagma Aspectual Terminativo e para a ligação aparente de traços de tempo passado relacionada à tal partícula.

Um raciocínio similar pode ser realizado com o marcador inceptivo *ona*. Ele indica uma ação que já começou e, de acordo com Hull e Eccles, pode ser traduzido por *já, acabou de*. Verificando em Cinque (1999, p. 96), na explicitação do que viria a ser o aspecto retrospectivo, o autor chega a trazer um exemplo do português, língua que usa uma perífrase para exprimir tal noção aspectual, que seria “acabei de”. Na árvore proposta por Cinque, na posição de especificador da projeção máxima de Aspecto Retrospectivo, temos um sintagma adverbial, *just* (que pode ser traduzido por “acabou de”). A nossa proposta é que o marcador *ona* esteja nesta posição, quando seria concatenado ao verbo (e seu complemento, se houver). Depois, o verbo se movimentaria para o núcleo da projeção mais alta, a de Tempo Anterior, onde teria os traços de tempo passado valorados. Pode-se exemplificar o sintagma verbal (sublinhado) de “Kehi mate ona” (O Kehi morreu) no diagrama a seguir:



Assim sendo, apresentamos uma explicação para a localização do marcador *ona* à direita do verbo, para a relação entre *ona* na posição de especificador do Sintagma Aspectual Retrospectivo e para a ligação aparente de traços de tempo passado relacionada à tal partícula.

Esta seção apresentou, a partir do estudo do *corpus* eleito para esta pesquisa, como as categorias tempo,

além das noções aspectuais são representados em língua tétum-praça. Foi também demonstrado que os marcadores *sei*, *tihá ona* e *ona*, a exemplo de determinados advérbios, podem ser localizados na posição de especificador de um núcleo funcional semanticamente ligado a eles, incrementando, em alguma medida, a proposta de Cinque (1999).

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve o propósito de demonstrar resultados de um estudo sobre tempo e aspecto na língua tétum-praça, à luz da teoria gerativa. Para tal, foi realizado um trabalho descritivo acerca das categorias tempo e aspecto de um modo geral e da língua tétum-praça, em específico. Foram ainda apontados alguns pressupostos do Programa Minimalista, versão atual da Teoria Gerativa, e demonstrada a proposta realizada por Cinque (1999) em que se sugere que advérbios são constituintes alocados em posição de especificador de sintagmas de núcleos funcionais.

Estudamos dois discursos proferidos por pessoas que falam tétum-praça e procedemos a uma análise qualitativa. Analisamos item por item, verificando a relação verbo e marcador de tempo e de aspecto. Verificamos que o tempo presente, de um modo geral, é realizado com a presença de um verbo e ausência de marcador ou advérbio. Assim, sugerimos que o tempo presente é *default*, ou seja, um tempo não marcado, ao contrário dos tempos passado e futuro, que devem ter a presença de um marcador.

Em nosso *corpus*, encontramos os seguintes marcadores: *sei*, *tihá ona* e *ona*. Verificamos que o marcador *sei* encontra-se à esquerda do verbo e *tihá ona* e *ona* estão localizados à direita do verbo. Portanto, parece haver uma restrição na localização sintática de tais marcadores.

Adotando a concepção de Cinque (1999) para a localização de alguns advérbios de tempo e de aspecto na posição de especificador de uma projeção máxima, propusemos que o mesmo ocorre com os marcadores de tempo e de aspecto na língua tétum. Conforme explicitado desde o início deste artigo, a ideia não era verificar a hierarquia dos núcleos funcionais e seus respectivos advérbios, mas, sim, verificar a relação dos núcleos funcionais propostos por Cinque e os marcadores de tempo e de aspecto da língua tétum. Desta forma, sugerimos que o *sei* deve ocupar a posição de especificador do Sintagma de Tempo Futuro quando o verbo for transitivo e a mesma posição no Sintagma de Aspecto Continuativo, quando se tratar de um verbo intransitivo e a semântica agregada à tal partícula for de prospectividade. *Tihá ona* ocuparia a posição de especificador do Sintagma Terminativo e *ona* a mesma posição no Sintagma Aspecto Retrospectivo. Os verbos ligados a estes dois últimos marcadores seriam movidos para o núcleo do Sintagma de Tempo Anterior para terem os traços de tempo valorados. Assim, cada projeção teria uma interpretação semântica específica.

Com as explicações dadas, esperamos ter dado luz ao impasse desencadeado no confronto entre as duas gramáticas estudadas neste artigo no tocante à concepção de marcadores de tempo e de aspecto. Para Hull e Eccles (2001), os marcadores não expressam tempo. A mesma concepção não é compartilhada por Costa (2015). Parece que, ao demonstrarmos as duas possibilidades de localização e de interpretação semântica atrelada à (in)transitividade verbal para *sei*, verificamos que tal marcador



pode ora representar tempo, ora aspecto. Usando as palavras de Cinque, os advérbios, no caso, os marcadores podem ser gerados independentemente nas duas posições. Ao sugerirmos que o verbo que antecede *tiha ona* e *ona* se movimenta para receber traços de tempo no Sintagma de Tempo Anterior, adotamos a proposta que tais marcadores expressam aspecto. Porém, o aspecto por eles codificado parece mapear o tempo passado de modo geral, daí o fato de Costa (2015) considerar que *tiha ona* e *ona* denotam ambas as noções de tempo e de aspecto.

Por fim, vale dizer que mais pesquisas sobre os marcadores aqui tratados são necessárias, haja vista as várias menções às noções de modo (que trouxemos em notas de rodapé) que tais partículas podem adquirir. Esse tema não era escopo do presente artigo, mas elucidações sobre a categoria modo são necessárias para a melhor compreensão dos marcadores em língua tétum-praça e, por conseguinte, das línguas naturais.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Davi Borges de. Influências das L1 nativas no português de Timor-Leste: um estudo dos marcadores verbais. *Signótica Especial*, jan./jul., p. 111-121, 2014.

BORER, Hagit. (1984) *Parametric syntax*. Dordrecht: Foris Publications.

CASTILHO, Ataliba T. de & CASTILHO, Célia M. M. de. Advérbios Modalizadores. In: ILARI, Rodolfo (org.). *Gramática do Português Falado*. Vol. II. Níveis de Análise Lingüística. 4ª ed. Rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

CHOMSKY, Noam. *The minimalist program*. Cambridge: MIT Press, 1995.

\_\_\_\_\_. *Minimalism Inquiries: the framework*. Ms., 1998.

\_\_\_\_\_. *Derivation by phase*. 1999. MIT Occasional papers in Linguistics, n.18 (also published in M. Kenstowicz (ed.) (2001) *Ken Hale: a Life in Language*, MIT Press, Cambridge, Mas., pp. 1-52).

\_\_\_\_\_. *Beyond explanatory adequacy*, Ms. não publicado, MIT, 2001.

CINQUE, Guglielmo. (1999) *Adverbs and functional heads: a cross-linguistics perspective*. New York. Oxford University Press.

COMRIE, Bernard. (1976) *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge University Press.

\_\_\_\_\_. (1985) *Tense*. Cambridge University Press.

COSTA, Luís. *Língua Tétum: contributos para uma gramática*. (2015) Lisboa: Edições Colibri.

HEINE, Bernd, CLAUDI, Ulrike & HÜNNEMEYER, Friederike. 1991. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press.

HULL, Geoffrey. (2005) *Timor-Leste, Identidade, Língua e Política Educacional*. Instituto Camões, Lisboa.

HULL, Geoffrey & ECCLES, Lance. (2001) *Gramática da Língua Tétum*. Lisboa: Editora Lidel.

OTONI, Jean Santos. (2016) *O sistema flexional da língua tétum-praça: descrição das categorias tempo e aspecto e sua relação com marcadores e advérbios*, 2016. 138 f. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

TRAVAGLIA, Luis Carlos. (2006) *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 4.ed. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia.